

Alexandre

「prosa/ficção」

Alliatti

Gamarra

1.

A última vez que brincamos de contar cidade foi no dia em que conhecemos o Gamarra.

Lembro-me do Vectra preto do pai do Gustavo passando em frente à chaminé da Usina do Gasômetro. Era um sábado de inverno. O Guaíba, à minha direita, se movia em pequenas ondas que o céu nublado tornava cinza-alumínio, e eu pensava no que o professor de geografia tinha dito: que o Guaíba não era um rio, que era um lago — embora todo mundo o chamasse de Rio Guaíba, inclusive o professor.

O Gustavo usava a manga do moletom para desembacar a janela e ver os carros que passavam em sentido contrário. Quando paramos em um semáforo, ele me disse que apostava dez figurinhas em como havia o dobro de carros com placas de Porto Alegre do que de todas as outras cidades juntas, e eu respondi "dã, a gente tá em Porto Alegre, claro que tem". Era nossa regra de sempre na brincadeira: carros de Porto Alegre eram ponto para ele; todos os demais eram ponto para mim.

Chegamos cedo ao Beira-Rio e fomos comer um xis na frente do estádio. O pai do Gustavo tinha estudado contabilidade e se achava um prodígio do raciocínio lógico. Ele aproveitou para nos explicar como havia concluído que aquele era o melhor dia para ver o Gamarra.

— Pensa só: tá um frio desgraçado, e esses bunda-mole aí perderam de novo. Não vai aparecer ninguém pra pedir autógrafo. Só vocês

mesmo. Tinha era que dar uma tunda neles, pra ver se aprendem a chutar uma bola. Menos no Gamarra. Esse paraguaio é bom, bah.

O Gamarra habitava nosso imaginário desde o ano anterior, quando havia chegado a Porto Alegre para jogar no Inter. Ele não tinha cara de zagueiro, tamanho de zagueiro, voz de zagueiro. Era ruivo, e Gustavo e eu estávamos convictos de que jamais tinha existido outro zagueiro ruivo. O rosto, adornado por sardas, carregava uma expressão constante de bondade, complementada por olhos pequenos e uma fala suave, quase inaudível – como a de quem sussurra segredos a um colega de mosteiro. Ao comparar o Gamarra com os centroavantes que fatalmente enfrentaria, era natural o temor de que em algum momento ele deitaria em posição fetal no gramado e pediria ao juiz que, por favor, o retirasse dali.

Mas aí ele começou a jogar, e o que sentimos eu só consigo entender hoje. O Gamarra era o equilíbrio entre opostos – era fúria e delicadeza; era matemática e arte. No primeiro lance em um jogo pelo Inter, teve que partir em disparada contra um atacante descomunal do Goiás. A bola havia caído em um ponto do campo mais próximo do adversário, mas o Gamarra recuperou a distância e então projetou o lado direito do corpo na direção do rival, enquanto espichava a perna esquerda na medida milimétrica para prender a bola sob a chuteira. O atacante foi arremessado rumo à linha lateral, onde encenou o movimento sempre patético de tentar, em vão, evitar uma queda, e o Gamarra, com a bola aconchegada na chuteira, virou o corpo em 270 graus, em um giro que parecia desenhado a compasso, e saiu jogando devagar, quase melancólico. Gustavo e eu não sabíamos, mas aquele movimento tinha um eco milagroso. Era a transformação do espaço e do tempo em fruição; era uma epifania.

A partir dali, o Gamarra passou a ser uma figura que nos acalentava. Contávamos nos dedos quantos colegas teimavam em torcer para o Inter. Nós resistíamos às derrotas, aquele sentimento nos unia, e era por isso que queríamos tanto conhecer o Gamarra.

Com as mãos engorduradas do xis, voltamos ao estádio, passamos ao lado dos campos de treino e entramos sem que nenhum segurança nos pedisse explicações. Logo chegamos ao portão que uma placa vermelha, carcomida, identificava como acesso ao vestiário.

Foi o Gustavo quem percebeu que os carros estacionados tinham placas de lugares distantes, São Paulo e Salvador e Curitiba e Campinas.

Concluimos que eram dos jogadores. Decidimos contar as cidades. Estava 19 a 19 quando o Gamarra chegou em uma caminhonete com placa do Paraguai, e aí talvez eu tivesse vencido, mas já não importava, porque o Gustavo queria era conhecer o Gamarra, ter a camisa autografada, ter aquela foto que eu tirei e inclusive revelei, mas nunca me lembrei de entregar — não até hoje, o dia de rever o Gustavo depois de tantos anos.

E agora penso no Gustavo e me lembro de quando começamos a brincar de contar cidades. Foi uns meses antes de conhecer o Gamarra, na frente da casa do Gustavo, em uma tarde anestesiada pelo hiato entre o fim das aulas e o início do veraneio.

A primeira vez não teve muita graça. Porto Alegre venceu fácil. Foi só quando chegou o dia de ir para a praia que a brincadeira ganhou sentido. Foi ali que descobrimos a Freeway como cenário ideal para nossas disputas.

Era dezembro. Tínhamos acabado de nos livrar da 6ª série e repetíamos o que todos os gaúchos pareciam fazer: aceitávamos a clausura de um carro que engatinhava pela Freeway como penitência prévia para os prazeres do verão.

Porto Alegre inteira parecia estar ali. Seria vantagem para o Gustavo se todo o restante do Rio Grande do Sul também não estivesse — e também forasteiros do Paraná, do Mato Grosso, da Argentina e até de Santa Catarina, embora não fizesse sentido alguém trocar as praias catarinenses pelas gaúchas. Logo que começamos a brincar, percebemos que para cada placa de Porto Alegre haveria uma de Esteio ou Canguçu ou Cachoeirinha ou cidades de nome absurdo, como Anta Gorda e Não-me-Toque — para as quais o Gustavo jamais aceitou contar dois pontos, não importava o quanto eu argumentasse que “cara, isso é coisa rara, não é tipo Porto Alegre”.

Decidimos que contaríamos cem carros. E assim descobrimos um equilíbrio aleatório, uma ordem sem sentido que nos impedia de abrir vantagem um sobre o outro. O Gustavo saiu na frente, mas depois estava 17 a 16 para mim, e 25 a 24 para o Gustavo, e 39 a 38 para mim, até chegarmos a 49 a 49. E jamais, mesmo nos momentos mais tensos, quando pulávamos em expectativa no banco traseiro, deixamos de cumprir um pacto: que um carro só contaria uma vez; que se ele tivesse sido ultrapassado, seria ignorado quando nos ultrapassasse de volta;

que se ele nos ultrapassasse primeiro, fingiríamos que inexistia quando o pai do Gustavo lhe desse o troco.

E foi assim com os dois carros seguintes, o Escort XR3 conversível branco e o Passat cinza, ambos com placas de Porto Alegre, mas duas figuras repetidas para o Gustavo. Ele não protestou. Resignado, ainda admitiu o Uno preto de Santa Maria como inédito e reconheceu que a Kombi branca de Novo Hamburgo valia, porque Kombi também é carro.

Mal pude saborear a vitória. Logo emendamos outra disputa, a estrada era longa, havia tempo a ser eliminado, e Gustavo e eu nos sucedemos em triunfos que acabaram no esquecimento. Repetimos a brincadeira outras vezes, tantas que nem minha memória, meu ponto forte, consegue resgatar. Mas da última eu me lembro, no Beira-Rio, no dia em que o Gamarra desceu da caminhonete enquanto o Gustavo me dizia para não esquecer de bater a foto, porque ele, de tão ansioso, tinha deixado a câmera em casa.

– Oi, Gamarra. Me dá um autógrafo?

– Claro.

– Eu sou o Gustavo.

– Legal.

– Tu joga muito!

– Obrigado.

– Tu vai pra Copa, né?

– Acho que sim.

– Vou torcer muito por ti.

– Legal.

– Tu é meu maior ídolo.

– Legal.

– A gente pode tirar uma foto?

– Pode.

Tirei a foto e fiquei admirando o Gamarra. Quando percebi, ele já andava rápido para o vestiário, de onde iria direto para o campo. Fiquei sem minha foto, e a sensação de derrota era ampliada pela empolgação

do Gustavo, que dizia “cara, ele é muito tri, tu viu como ele é tri, né? Não esquece de me dar a foto, cara, não esquece”.

Jamais esqueci, mas deixei para depois, e para mais depois. O Gustavo era amigo para a vida inteira, tinha certeza de que nunca nos separaríamos. E agora, sozinho nesse carro, indo revê-lo, desligo o rádio quando o repórter fala da onda de violência em Porto Alegre, da troca de tiros na saída do banco, dos policiais e assaltantes mortos, do absurdo que é a perda da outra vítima, o homem inocente que deixa mulher e filho de dez anos só porque estava passando pela rua bem naquela hora. Desligo o rádio e observo a Freeway. Há poucos carros nos dois sentidos, mas não demoro tanto assim para contar, e o Gustavo vence por 51 a 49.

2.

Eu estudava com o Gustavo, fazia escolinha de futebol com o Gustavo, passava os fins de semana jogando videogame com o Gustavo. Dormia na casa dele. Sabia que ele tomava Quick de morango pela manhã; que sonhava ser piloto de Formula 1; que ficava mexendo a boca enquanto sonhava; que tinha pânico de filmes de terror; que gostava da Michele, embora só admitisse para mim; que sofria por o pai ter uma amante.

Nossa união tinha intervalos no verão. O Gustavo ia com a família para a praia, em Torres, no fim de dezembro, e só voltava depois do carnaval. Eu às vezes era convidado, mas não ficava o tempo todo — dependia do vaivém de parentes ocupando as camas. A cada ano, ia menos. Até que no verão em que contamos placas de carros na Freeway, o verão antes de conhecermos o Gamarra, eu só passei um fim de semana lá, entre o Natal e o Ano-Novo.

Só fui rever o Gustavo no primeiro dia de aula. Ele parecia mais alto, estava com a voz grossa e fedia nos sovacos. No intervalo, me contou que tinha ficado com uma menina e tinha conseguido bater sete punhetas em uma mesma noite. Aquilo me incomodou: era sinal de que ele estava sozinho no quarto, e eu sabia que o quarto tinha três camas.

Na segunda semana, fiquei gripado e perdi dois dias de aula. Quando voltei, soube que a professora de Português havia pedido um trabalho em dupla. O Gustavo me explicou que tinha ficado sem jeito de rejeitar o convite do Yuri, o único japonês da turma, conhecido no colégio

como Mimijei desde o dia em que molhou a calça ao levar uma bronca da professora.

Passamos a nos ver menos. O Gustavo parou de ir à escolinha de futebol e começou a fazer aulas de tênis e natação. Eu não teria dinheiro para acompanhá-lo mesmo se tivesse sido convidado. Fiz inscrição em uma biblioteca pública e, ao longo do ano, li toda a Coleção Vaga-Lume.

O Gamarra continuou sendo nosso vínculo. Íamos a quase todos os jogos nos fins de semana. O pai do Gustavo deixava o carro no shopping, e de lá caminhávamos até o estádio, sentindo primeiro o cheiro de sal-sicha barata nas carrocinhas de cachorro-quente, depois o dos espetinhos de carne duvidosa, depois o do suor dos homens que se atropelavam para entrar no estádio, depois o da urina acumulada nos túneis que levavam às arquibancadas.

O ambiente era selvagem, mas tínhamos o Gamarra, com seu tom ferugem que parecia a pincelada final no vermelho que coloria o estádio. E quando fomos surpreendidos com o título estadual, não foi a conquista que nos deixou eufóricos; foi ver o Gamarra erguendo a taça.

E aí ele foi embora. Uma semana depois, o Gustavo chegou transtornado na aula, caminhou na minha direção e disse que tinha acabado de escutar no rádio do carro: o Gamarra vendido, um time de Portugal, dólares.

— E tu nunca me deu a foto, né? Tu é um filho da puta mesmo. Cuzão. Enfia a foto no cu.

Naquele dia, fiquei sozinho no recreio, lendo *O Escaravelho do Diabo*. Até o fim do ano, eu ficaria sozinho em muitos outros recreios. Não fui a mais nenhum jogo. O time fez boa campanha, quase foi campeão brasileiro, mas eu pouco me interessava.

Em dezembro, depois da última aula, o Gustavo veio se despedir. Disse que iria para a praia no dia seguinte e perguntou o que eu iria fazer no verão. Respondi que não sabia.

— Então tá — ele falou. — Até ano que vem, então.

Mas na verdade eu sabia. Minha mãe tinha vindo com a novidade um dia antes: no comecinho de janeiro, iríamos para Xangri-Lá, na casa de praia dos meus avós paternos, que aquele ano tinham decidido ficar

em Porto Alegre. Eu também sabia que ficaríamos dois meses lá. O que eu não sabia era que o Gustavo estaria junto.

3.

Cedo pela manhã, o jornaleiro passava avisando: “Zeeeeeeeeero Hoooooraaaaa. Ó a Zeeeeero Hooooora”. Depois, vinha uma sequência que se repetia dia a dia: o vendedor de puxa-puxa, o caminhão das frutas, a Kombi dos sonhos – de chocolate, goiabada e mumu – e o sorveteiro, munido de picolés que prometiam palitos premiados que dariam outros picolés.

Xangri-Lá era uma praia de velhos. Eles colocavam cadeiras na frente de casa e tomavam chimarrão; espichavam redes entre duas árvores e se balançavam enquanto a tarde caía; iam para a beira do mar e caminhavam até a plataforma de pesca da praia vizinha. Tinham o rosto sereno de quem trabalhou o ano inteiro para poder aproveitar alguns dias de tédio.

Minha mãe parecia ter um plano mais específico: trocar de etnia. Acordava cedo para tomar banho de sol e só parava quando o último raio desistia dela. Se o céu estava limpo, me levava para a beira da praia, onde deitava em uma toalha e deixava as horas passarem.

Eram dias de sol forte, e eu era obrigado a me cobrir de protetor solar. O creme logo se unia ao suor, indo repousar na sunga como uma gosma branca, viscosa. Entrar no mar, gelado como se fosse inverno, seria um alívio se ele não merecesse o apelido de chocolatão – pela água marrom que, ao virar onda, produzia uma espuma grossa em tons de amarelo-diarreia. O jeito era ficar na cadeira e encarar o vento onipresente, o Nordeste, com rajadas de grãos de areia que passavam açoiando canelas e fazendo guarda-sóis voarem muitas vezes até as guaritas dos salva-vidas, onde tremulavam bandeiras cujas cores informavam a irritação do mar – geralmente oscilando entre o vermelho e o preto.

Meu incômodo crescia paralelo ao bronzeado de minha mãe. Quando ficou da cor do mar, ela resolveu agir: ligou para os pais do Gustavo e o convidou para passar uns dias conosco.

Ele chegou em uma manhã de sábado, enquanto eu terminava um picolé de limão, resignado com a ausência de prêmios no palito, e olhava

para a vizinha da casa da frente, uma magricela toda morena – pele, cabelo, olhos e biquíni – com quem ainda não tinha reunido coragem para conversar. Tentei evitar sinais de felicidade com a chegada do Gustavo, mas logo estava falando sem parar, elencando tudo que poderíamos fazer, tudo que eu não tinha feito por estar sozinho. Do porta-malas do Vectra, o pai do Gustavo tirou um videogame e uma bola, que entregou ao filho mediante a promessa de que se comportaria até o domingo seguinte, quando voltaria para resgatá-lo. Mentalmente, calculei que teríamos oito dias pela frente.

Como a manhã ficou nublada, resolvemos priorizar o videogame, e foi só aí que lembrei: não tínhamos uma televisão na casa da praia.

– Como que tu aguenta ficar aqui sem tevê?

– Sei lá.

– Que bosta, hein?

Jogamos futebol, almoçamos, fomos à praia, desistimos quando vimos o mar, voltamos, andamos pela avenida principal, jogamos futebol de novo. No fim da tarde, estávamos descalços, trocando passes sem deixar a bola cair, e uma roseta entrou no pé do Gustavo. Ele se irritou e deu um bico na bola, na minha direção. Ela estourou na parede às minhas costas e parou aos meus pés. Devolvi o chute, enquanto ele ainda tirava o espinho. A bola foi parar na casa da frente. A magricela a trouxe de volta. Entregou-a para o Gustavo, sorrindo.

– Pô, brigadão.

– De nada.

– Qual teu nome?

– Marcela. E o teu?

– Eu sou o Gustavo.

– Prazer.

Não fui apresentado. A magricela voltou para casa, e o Gustavo falou que não queria mais jogar futebol. Sugeri que fôssemos ao fliperama na avenida. Disse que tinha 20 reais para gastar em fichas. Pedi dinheiro para minha mãe, e ela me deu uma nota de cinco.

Dormimos no mesmo quarto, ouvindo o rádio tocar Guns, Lulu Santos, Legião. O Gustavo adormeceu primeiro. Antes de eu também pegar no sono, reparei que ele mexia a boca.

Acordamos e fomos à praia. Não entramos no mar. Jogamos bola na areia, comemos milho verde na espiga, com sal e margarina, e catamos tatuíras. Voltamos para casa na hora do almoço. Tomei banho antes, e quando saí, quando fui procurar o Gustavo, vi que ele conversava com a Marcela. Voltei para dentro de casa.

Minha mãe teve que chamá-lo. Sentado à mesa, ele disse que não iria à praia à tarde. Tinha marcado de ir ao fliperama com a Marcela.

— E tu pode andar sozinho assim? Teu pai não vai ficar brabo comigo?
— a mãe perguntou.

— Ué, não sou mais criança.

Também rejeitei a praia. Fiquei cercando o Gustavo. Às três da tarde, ele calçou os tênis.

— Falou, então. Até depois.

— Falou.

Voltou só à noite. Não me disse nada sobre a Marcela, e eu também não perguntei. No dia seguinte, já andava de mãos dadas com ela, enquanto eu brincava de jogar a bola na parede e pegar de volta sem deixá-la cair. Em uma das vezes que errei, percebi que eles me olhavam e riam. Foi só aí que o Gustavo me chamou para nos apresentar.

Feitas as formalidades, a Marcela começou a frequentar nossa casa, mesmo (e especialmente) quando minha mãe não estava. Passei a ficar mais tempo no quarto, para não vê-los. Uma tarde, percebi que eles estavam na garagem. Espiei por uma janelinha lateral. Com a mão direita, o Gustavo alisava os peitos da Marcela por dentro da blusa. Resolvi contar para minha mãe o que tinha visto.

— Mas, meu Deus, e eu com isso? Deixa eles. Aliás, tá na hora de tu arrumar uma namorada também.

Passei a contar as horas para a chegada do domingo — literalmente: calculava quantas horas faltavam para o Gustavo ir embora. No sábado, para evitar o trânsito do dia seguinte, os pais da Marcela decidiram antecipar o retorno. Iriam embora à noite.

Eles passaram o dia grudados. No fim da tarde, a Marcela veio me dar tchau na sala de casa. Tinha chorado. Pouco depois, chegou o Gustavo.

– E aí? – perguntei.

– E aí?

– Como tu tá?

– Ah, normal, né?

– Mas tu tava gostando dela, né?

– Bah, meio que tava. Mas ela mora em Caxias. Disse que vai escrever pra mim, mas sei lá, né?

– Foda.

– É.

– E comeu?

– Não. Tá louco. Nem tentei. Mas passei a mão nos peito.

– E aí?

– Foi tri.

À noite, fomos ao centro. O Gustavo precisava telefonar para o pai e combinar como fariam no domingo. Comemos crepe, passamos no fliperama e fomos ver as gurias no calçadão. Carros movimentavam a avenida, e perguntei se o Gustavo queria brincar de contar cidade.

– Bah, acho que não, né? Nada a ver.

– É, esquece, nada a ver.

4.

O domingo amanheceu ensolarado. A mãe disse que queria ir à praia. Topamos, até porque o Gustavo ainda não tinha entrado no mar de Xangri-Lá. Chegando lá, levamos um susto: centenas de pessoas se banhavam na água, calma e esverdeada. A bandeira, amarela, não tinha vento que a tremulasse. Crianças, na beira, brincavam com baldinhos, e outras mais velhas pegavam jacaré em pranchas de isopor.

Sáímos correndo, atravessamos as primeiras ondas sem mergulhar e, com água pela cintura, demos uma ponta juntos, lado a lado, como se

estivéssemos de mãos dadas. Senti o sal nos lábios. Curti o nada, submerso. Ergui a cabeça e vi o Gustavo dando pulinhos, eufórico. Ele saiu correndo; disse que ia pegar a bola para a gente jogar dentro do mar.

Jogamos até cansar. Saímos e comemos milho sem nos preocupar que o vento enchesse a espiga de areia. Sentamos na beira do mar e demos notas para bundas. Usei a bola como travesseiro. Estava quase pegando no sono quando os argentinos chegaram.

Eram três, todos um pouco menores que nós, e queriam *un partido*, *un partido*. O Gustavo disse que três contra dois não dava. Eles falaram que arranjaríamos mais um para nosso time. E, de fato, apareceram com um brasileiro brotado do nada, da nossa idade.

Montamos as traves com chinelos. Usamos o dedão do pé para delimitar linhas. Tiramos par ou ímpar para decidir quem daria a saída. E o Gustavo e eu nos olhamos como quem firma um compromisso: era futebol, era contra a Argentina, estávamos em nossa pátria, e nada nos impediria de esmagar aqueles piás, de fazer com que eles voltassem para casa arrependidos de um dia terem ousado desafiar brasileiros no futebol.

O primeiro ataque deles foi gol. O segundo também. Com dois minutos, perdíamos por quatro a zero. Xingávamos, revoltados, o jogador que eles nos haviam arrumado, uma nulidade física, técnica e tática que, no fundo, sabíamos ser o menos pior de nós três. Depois do quarto gol, porém, conseguimos nos equilibrar no jogo e mantivemos algum controle por cerca de um minuto e meio, quando tomamos o quinto — tive a impressão de que estávamos os três deitados na areia no instante em que a bola passou pelos chinelos.

Trocamos passes inúteis, demos chutes desesperados e apostamos em lances de alguma violência, a fim de evitar vexame maior. Mas os argentinos pareciam criados jogando futebol nas areias de Xangri-Lá. Fizeram mais dois gols, um depois do outro, e começaram a tocar de letra, de calcanhar. Peguei embalo e voei na direção do menor deles, pernas esticadas, mas ele deu um toquezinho por cima de mim e jogou o corpo para o lado, me fazendo arrastar a bunda pelo chão. Acabou sendo o lance do oitavo gol.

O Gustavo, mais atento, conseguiu deixar o braço no rosto do maior, mas jurou inocência. Eles se irritaram, perderam a concentração e passaram uns bons cinco minutos sem fazer gols — até que marcaram

o nono, em evidente falha do espantalho que completava nosso time. Com o 9 a 0, vi um dizendo para o outro, “*tenemos que hacer uno más, carajo*”, e aí eu saquei o plano: eles queriam um símbolo, um emblema; queriam nos meter 10 a 0.

Na saída de bola, o Gustavo tentou um passe, mas errou. Mandou no pé de um argentino, que logo distribuiu para outro, e aí para o terceiro. Voltei correndo, eram três contra dois; o espantalho logo ficou para trás, e virou três contra um. O Gustavo não sabia o que fazer. Foi recuando, recuando, recuando, até que precisou dar o bote no menino que tinha a bola. Ele abriu para outro na direita, que completou para o gol vazio, ou não tão vazio, porque eu vinha correndo, correndo com toda a força que eu tinha, e aí dei um carrinho e cortei a bola bem em cima da linha imaginária do gol. “*Nooooo*”, gritou o argentino, insaciável, e eu não sabia mais se ele lamentava o gol perdido ou a mulher que os chamava para irem embora, porque já era hora de almoçar.

Parabenizamos nossos algozes pela vitória, nos despedimos do espantalho, e eu carregava uma sensação de vitória pelo último lance: jamais permitiria um 10 a 0. O Gustavo me abraçou, e fomos lado a lado, ele com a mão em meu ombro, eu com a mão no ombro dele, reencontrar minha mãe.

– Que jogada, hein? – ele me disse.

– Qual? A última?

– É. Esse teu carrinho aí. Parecia o Gamarra.

– Ah, para.

– Tô te falando. Parecia mesmo. Vou te chamar de Gamarra a partir de agora.

– Para com isso.

– Tá bom, Gamarra. Eu paro, Gamarra.

– Bocó.

– Eles eram bons, né, Gamarra?

– Eram. Foda.

– Mas aquele cara que jogou com a gente era muito ruim. Se fosse um outro melhorzinho, acho que a gente ganhava, hein?

– É, de repente.

Quando chegamos em casa, o pai do Gustavo já nos esperava, horas antes do combinado. Nem ficaram para almoçar. Tomei um banho rápido, depois foi a vez do Gustavo, e logo chegou a hora de nos despedirmos.

– Valeu aí pela parceria, Gamarra – disse o Gustavo.

– Valeu. Foi legal, né?

– Tava bem tri. Desculpa qualquer coisa aí.

– Nada.

– E, ô, eu não esqueci aquela foto do Gamarra. Vê se me entrega.

– Entrego, sim. Não vou esquecer. Te levo no colégio.

– Não, não viaja, meu, que colégio nada, me leva lá em casa uma hora dessas.

E aí o Gustavo já acenava de dentro do Vectra, que logo se movia, lento, pelas ruas de areia e paralelepípedo de Xangri-Lá, e a mãe me olhava com pena, com pena por eu estar sozinho de novo, mas especialmente por só eu ainda não saber que o Gustavo tinha trocado de escola.

5.

Meses depois, o Gamarra jogou a Copa inteira sem fazer faltas. Na tevê, comentaristas louvavam a classe do zagueiro, que só seria eliminado na prorrogação contra a França, com o ombro deslocado, mas resistindo até o fim. E eu me perguntava como estaria o Gustavo.

O Gamarra teve uma passagem rápida por Portugal e voltou ao Brasil para jogar no Corinthians. Aconteceu o inevitável: enfrentar o Inter no Beira-Rio. Fui com um amigo de meus pais e ajudei a entoar o nome dele do começo ao fim, por respeito, por saudade. No último minuto, ele fez um gol, um gol constrangido, e eu mastiguei a crueldade do futebol enquanto me perguntava, mais uma vez, como estaria o Gustavo.

Anos mais tarde, ao arrumar umas caixas para decidir o que levaria na mudança para a quitinete onde moraria sozinho, ao lado da faculdade, encontrei a foto. Por uma dessas coincidências malucas, o Gustavo me adicionou no Orkut poucos dias depois, e deixei um recado falando que

a gente devia se encontrar para eu finalmente entregar a foto. Ele não respondeu.

Uns quatro anos atrás, foi minha vez de procurá-lo na internet. Na foto no Facebook, ele aparecia com uma mulher e uma criança. Estava gordo e feliz. Mas não mandei mensagem. Ele só interagiu comigo quando fiz uma postagem defendendo o programa do governo federal que trazia médicos estrangeiros, sobretudo cubanos, para trabalhar no serviço público. “Kkkkkk vai morar lá”, ele respondeu. Fui olhar seu perfil com mais atenção, e era um calabouço de piadas preconceituosas, mensagens moralistas e links pouco confiáveis. Cliquei em uma aba que me permitia continuar sendo seu amigo virtual sem ver as postagens. Foi por isso que não vi nada. Só fiquei sabendo quando a mãe me telefonou para perguntar se já tinham me falado do Gustavo.

Aconteceu ontem, e agora eu sigo pelo caminho mais longo, contorno o Gasômetro, vejo o Guaíba, passo na frente do Beira-Rio e só então vou encontrá-lo. Subo as escadas, uma simulação de mármore, e vejo o painel com os nomes — o do Gustavo é o segundo. Entro na sala e sei que tem muitas pessoas lá, mas eu só vejo o Gustavo. Reparo que o caixão está aberto e penso, quase aliviado, que o tiro não foi na cabeça. Abraço a mulher que mais chora, tão jovem, e ela me apresenta o menino para quem entrego a foto e digo “esse aqui com teu pai é o Gamarra, guri, e teu pai amava ele”. ■

Alexandre Alliatti

Nasceu em Curitiba e é jornalista. Cursa a pós-graduação Formação de Escritores, no Instituto Vera Cruz.